

NOVAS FRONTEIRAS

Realiza-se todo ano, em janeiro, a Semana de Oração pela Unidade da Igreja. Todo ano, duas perguntas surgem em todos os encontros realizados em nível ecumênico: Será que Deus escuta essa oração e atende aos nossos rogos? Será mesmo útil falar de unidade oito dias e esquecê-la inteiramente no resto do ano? A estas duas indagações tenta responder o sr. Philippe Liard, da Igreja Reformada da França.

O ecumenismo, pelo menos, não pode ser representado pelo personagem da opereta A Arlesiana, do qual todos falam mas que ninguém nunca vê. Talvez se aproximasse mais do personagem de Molière, o senhor Jourdain, um burguês cavalheiro, que se espanta porque, ao falar, está se expressando em prosa, sem ter nisso pensado antecipadamente.

Na realidade, não é mais tempo de sermos a favor ou contra o ecumenismo. Essa atitude implicaria na suposição de que êle ainda consiste num fato externo na vida de cada um de nós, enquanto que a realidade é outra: o ecumenismo banha e alimenta a vida de tôdas as igrejas, quer elas tomem consciência disso, quer o ignorem, quer o desejem ardentemente, quer o recusem categoricamente. Não se trata de um fato triunfalista, mas de uma presença profunda, que já modificou, de maneira irreversível, numerosos estados e comportamentos.

O grande sonho e imagem que mobilizava partidários e adversários do ecumenismo era a Igreja Única, uma espécie de super-igreja, cuja confissão de fé incluiria tudo quanto une os cristãos e rejeitaria tudo aquilo que os divide.

Os católicos ofereciam uma estrutura de base com sua organização mundial tendo o Vaticano como capital, um sistema de governo centralizador, uma tradição milenar, o perdão aos filhos pródigos que voltavam aos braços de sua mãe...

Os protestantes sentiam-se inquietos e ciumentos, tendo em vista suas igrejas nacionais, suas organizações mais ou menos democráticas, suas divisões abertamente ostentadas... Não é inverossímil deixar de pensar que para muitos ecumênistas não católicos, a existência do Conselho Mundial de Igrejas representava uma grande esperança... e um convite à igreja romana para que se fundisse no grande organismo de Genebra, sob a autoridade de um Conselho central, em vez da de um Papa.

Esse grande sonho não se realizou. O Espírito Santo não se compraz com os perdões condescendentes ou os oferecimentos de serviço de índole colonizadora.

O Espírito Santo atuou de forma muito mais profunda nos dirigentes da igreja, que tiveram suficiente humildade para perceber a lenta aproximação dos cristãos provocada por sua mediação. Não se podem esquecer personalidades como os pastores Vissert'hooff, Eugene C. Blake, Marc Boegner, o cardinal Bea, o Papa João XXIII...

Alguns fatos apontam claramente como o ecumenismo é realmente vivido nas igrejas, hoje.

São os católicos que editam atualmente as obras mais importantes de teólogos protestantes. O fato mais marcante de um recente congresso católico, realizado em Bourges, Bélgica, foi a contribuição de um pastor protestante. Os casamentos mistos, raros há alguns anos atrás e fonte de problemas insolúveis, agora são frequentes... Na França, as igrejas luterana e reformada tomam disposições e atuam em conjunto nesse campo.

A evolução da literatura teológica é clara: antigamente abrangia sempre uma parte polêmica em que outros grupos eram condenados em nome da própria ortodoxia, tradição ou fidelidade ao Evangelho. Continua a haver ortodoxia na linha da tradição da Igreja, mas com mais insistência na verdade do Evangelho, não para condenar os outros mas numa tentativa de se ir mais além, junto com os demais.

Muitos "detalhes" modificaram algumas expressões da vida das igrejas: a redescoberta da Santa Ceia, a pregação do Evangelho através do estudo bíblico...

Apesar de atos significativos, com a intercomunhão, muitas pessoas cada vez sentem mais dificuldade em viver separadamente, no plano da fé, aquilo que vivem diariamente num espírito de profunda unidade: casamentos mistos, ação social interdenominacional. Por causa da transformação da mentalidade dos cristãos, há muita impaciência ecumênica.

Como agir então? É incontestável que os quadros tradicionais de vida estão em ruptura. O que era considerado fato incontestável, atualmente passa ao

plano da discussão. Por exemplo, durante dois anos subseqüentes, a Igreja Reformada discutiu o sentido da reunião da comunidade. Quer se trate de católicos, protestantes ou ortodoxos, a fé cristã é cada vez menos um conjunto de crenças, e cada vez mais um estilo de vida. É preciso estudar mais a fundo este fato: foi-se a época da igreja que fala ou que ensina e chegou o tempo da igreja que age, fato que modifica muito o papel da confissão de fé.

Por isso, a divisão entre cristãos tem outros limites que ultrapassam o domínio das denominações.

NOVAS FRONTEIRAS

O pastor Vissert'Hooft, em conferência recente, descrevia quatro atitudes que corresponderiam a quatro divisões da igreja contemporânea. Primeiro, uma forma de igreja tradicional, caracterizada pelo esforço de conservar aquilo que os Pais da Igreja transmitiram. É o movimento que se opõe à reforma da missa e às decisões do Concílio Vaticano II, no catolicismo; no protestantismo, é a nova forma de conservadorismo que se expressa no movimento "Nenhum Outro Evangelho" na Alemanha, movimento que se opõe à forma não convencional e crítica de se ler e comentar a Bíblia.

Em segundo lugar, os cristãos que aceitam a evolução. Esta, porém, deve ser liderada pelas autoridades, sínodos ou hierarquias. Em geral, esse grupo pensa que já houve considerável evolução e que, agora, é necessário parar para assentar o que se adquiriu.

O terceiro grupo de cristãos abrange aqueles que vêm a igreja, em primeiro lugar, como um instrumento a serviço dos homens, para ajudar o próximo. É uma igreja que deve ser constantemente renovada, reformada, mas de baixo para cima; esse espírito deve originar-se da confrontação dessa igreja com as necessidades alheias. Somente o Evangelho controla esta reforma provocada pelo sopro do Espírito, que viria de fora da Igreja — e, dizem alguns, — até do mundo.

O quarto grupo não tem outro interesse senão nas estruturas locais, que devem ser extremamente simples, muito fragmentárias, a fim de permitirem o aparecimento contínuo de novas formas. É impressionante constatar que esse grupo, o mais revolucionário de todos, é também o de espírito mais congregacionista.

TEMPO DE PLURALISMO

Atitudes tão diferentes têm, pelo menos, duas cousas.

A primeira: um esforço de comunicação entre as confissões cristãs, como fruto do ecumenismo.

A segunda se deve a uma posição pessoal: antigamente a fé era assunto de família, agora tornou-se escolha pessoal, uma verdadeira conversão no que vemos senso de humor do Espírito Santo. O ecumenismo atinge seus objetivos quando se dedica a unir todos os cristãos, destruindo os muros da separação através de um melhor conhecimento mútuo, mas, ao mesmo tempo, chega à

individualização da fé. E, assim, a reunião da comunidade se torna problemática. As igrejas são cada vez menos comunidades em que todo mundo está de acordo. São cada vez mais lugares de encontro onde se discute, fala-se, vive-se e fazem-se coisas diferentes e, às vezes, contraditórias, recorrendo-se às mesmas passagens bíblicas!

O problema que todas as igrejas enfrentam hoje é o problema do pluralismo, palavra estranha que pretende apenas levantar esta pergunta: de que modo podemos permanecer juntos, sabendo que ninguém possui exclusivamente a verdade, que não estudamos a Bíblia da mesma maneira, e que somos pró ou contra o relacionamento entre a política, os fatores sociais e econômicos e... a Igreja? Como fazê-lo, uma vez que não conseguimos mais atribuir o mesmo sentido às palavras que empregamos?

Lembremos que os apóstolos Pedro e Paulo viveram na mesma época, a experiência da própria Igreja de Jesus Cristo... e sua exegese e concepção das relações Igreja-Mundo diferiam sensivelmente.

UNIDADE DA IGREJA, UNIDADE DO MUNDO, UNIDADE DO HOMEM

O problema da unidade não é apenas problema dos cristãos. Este século presenciou o aparecimento da Sociedade das Nações e depois das Nações Unidas.

Com o progresso dos meios de comunicação, muitas etapas foram queimadas. O relacionamento cada vez mais inextricável das economias faz com que os problemas passem da responsabilidade de um estado para a responsabilidade mundial.

As grandes causas de divisão no mundo são também as que existem dentro da Igreja: racismo, ideologias e fanatismo, desigualdades econômicas, sociais, desempenhando seu papel no mundo e na Igreja.

Qual o significado, em última análise, da unidade das igrejas, se a unidade dos homens não se efetua? De que modo poderão os homens se reconciliar entre si se não estão primeiro reconciliados consigo mesmos?

Se cada homem não vive seu próprio perdão, se não aceita sua própria essência, perante si, perante Deus e perante os outros homens, de que modo poderia respeitar o próximo e o amor como a si mesmo? E se isso não for possível, qual o proveito de declarar que todas as igrejas ou nações estão unidas? A unidade deste mundo está, assim firmada na unidade da Igreja, como consequência e condição indispensável. Por isso, depois de 50 anos de ecumenismo, descobre-se, hoje, que o objetivo então fixado estava muito distante do objetivo fixado pelo Espírito. Paulo escrevia aos Colossenses (3:11): Pois não há grego nem judeu, nem circunciso nem incircunciso, nem bárbaro, nem cita, nem escravo, nem homem livre: mas Cristo é tudo em todos.

O ecumenismo encontrará, então, seu verdadeiro sentido: não expressar a "unidade da Igreja", mas de "toda a terra habitada".